



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da C. G. T.
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO
Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Enc. telegr. Lisboa — Lisboa • Telefone: 17
Officinas de impressão: Rua da Alameda, 134

A BATAHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O povo trabalhador e a carestia da vida

Os acontecimentos que na última terça-feira se desenrolaram no Porto, são de molde a impressionar a opinião pública e os governantes, porque denunciam a revolta latente da população trabalhadora de todo o país, devido à carestia da vida, revolta que a não serem tomadas energéticas medidas que de vez terminem com as torpes negociações dos assambradores, pode exteriorizar-se, de uma forma retumbante. A multidão que percorreu corajosamente as principais ruas do Porto, reclamando o pão barato e a vida fácil, recolheu, depois, aos bairros imundos destinados aos proletários, muito socegradamente, ainda que as brutalidades da força pública a impedissem para o tumulto. Não julgue, porém, a burguesia que esse emudecimento representa esmagamento, desânimo, abandono da questão das subsistências, insolúvel até agora devido às manobras do alto comércio. O povo do Porto está agora calado. Silencioso se mantém, também, todo o proletariado do Portugal, todavia, temeroso é esse silêncio, porque, embora surdamente, a co'ra popular cresce momento a momento, sendo raro o dia em que nesta redacção não aparecem dezenas de trabalhadores protestando indignadamente contra os atropelos dos negociantes.

É muito possível, é quasi certo que, a continuarem a vir a público escandalos como o do bacalhau podre que, depois de dar entrada no guano vem de novo para o consumo público, o povo trabalhador se resolva a descer à praça pública, a afrontar, impávido, as baionetas e as metralhadoras da guarda republicana.

Os sucessos do Porto são um aviso solene feito pelas multidões trabalhadoras ao governo. Só assim se devem interpretar. Estamos a dois passos do inverno, com todos os seus rigores e inclemências, e as dificuldades económicas continuam aumentando. Isto é revolta, encolerisa.

Sentem essa revolta, essa co'ra, não só o proletariado mas ainda as chamadas classes médias. É necessário, é imprescindível que por qualquer forma o sr. Sá Cardoso — que tem energia e pa-

NA LINHA DE FOGO

O papel do militante

Tem-se em geral, entre nós, nas camadas cultas que falam e escrevem para o operariado, uma noção não muito justa do que seja o papel do militante. Exige-se, na maioria dos casos, que os militantes sejam criaturas aptas a dirigir a sociedade depois do triunfo da revolução, e que devam possuir engatilhada numa outilage administrativa com todas as peças para ser posta imediatamente a funcionar.

É assim que tenho visto proposto o alvitre — como meio de evitar as convulsões bruscas da transição — de dedicar-se este e aquele outro ao estudo de um determinado problema em que viesse a especializar-se, problema que seria depois aplicado pela revolução triunfante.

Este critério, que é tudo quanto há de mais utópico e blanquista e está em absoluto antagonismo com as experiências sindicais, revela não só um desconhecimento completo da missão do militante, mas sobretudo uma concepção errada do que deve ser a revolução social.

Ora, a revolução social não é uma reacção da genésis bíblica em que o Jéovah, mais ou menos barbado, cria do nada seres e coisas. A revolução é somente o início de uma transformação, já mais a própria transformação. A revolução social, russa, como tão bem a qualificou o próprio Lênine, apenas abriu a era do socialismo. É verdade que muitos desdenham aquilo dos soviets, porque é um regime que tem governo e tem exércitos, como se fosse possível fazer frente aos Denikine e ao enorme poder contra-revolucionário, com palavras de amor e não com balas!

Iniciar a era revolucionária é preparar o ambiente para as reformas sociais, reprimir violentamente a propaganda libertadora da organização operária — meta dos assambradores, esses creaturas que especulam com a angustiada situação económica do país, na ordem. Nós não queremos incitar à chamada desordem. Todavia, se os governantes nada fizeram que modificasse a insustentável situação que atravessamos, será de nosso dever chamar o povo para rua, convidá-lo a vir lutar pela vida, a dar uma severa lição ao alto comércio, uma vez que aqueles que agora se arrogam funções dirigentes em absoluto se desinteressam do momento problema das subsistências.

Os acontecimentos do Porto são um sintoma iniludível. O povo está farto de ser explorado, envenenado, roubado. Tem a consciência de que o envenenado, de que o roubam, de que o exploram. Como tem a consciência disso, aguarda, durante muito tempo, que das altas regiões oficiais caísse o mandado benéfico de leis, decretos e portarias que lhe aliviasse a amargurada existência, apesar de há muito deserer da eficácia das panaceias a miúdo vindas à estampa no *Diário do Governo*. Esperou em vão. Agora, é possível que ainda espere um pouco, resignadamente, serenamente. Mas depois, quando o inverno se fizer sentir tragicamente, quando lhe faltar tudo, absolutamente tudo, desde os alimentos indispensáveis aos abafos que o preservem das inclemências da invernia, certo é que se lançará, num legítimo instinto de conservação, na luta desleal com a força pública defensora dos grandes armazéns onde a burguesia avaramente guarda esses alimentos e esses abafos a fim de por altos preços os vender.

Se as nossas palavras breves tiverem efectivação, se não formos maus profetas, certos estamos de que não deixará de aparecer, então, a indispensável nota oficiosa dizendo «que elementos suspeitos, parece que providos de dinheiro estrangeiro, conseguiram lançar o povo, farto e feliz, numa desordem injustificada... etc., etc.»

É assim se explicará à opinião pública, sucessos lamentáveis que se avizinham devido à ingenuidade governamental e à ganância das classes dominantes.

NOTAS & COMENTARIOS

Entre compadres

Segundo o *Journal Officiel*, Clemenceau, em 3 de Outubro corrente, declarou:

«Tendo-nos pedido o sr. Noske uma prorrogação de prazo para entrega de certo número de metralhadoras, concedemo-la depois de consultado o Estado-maior do exército».

«Para que queria Noske essas metralhadoras? Para esmagar os movimentos operários na Alemanha».

Para isso, não receiam os aliados armar o «inimigo», embora finjam temer, para certas conveniências.

O melhor exemplo disso temo-lo nas Províncias Bálticas. Os Aliados favoreceram e estimularam o armamento e concentração dos alemães, para que estes, unidos aos russos tsaristas, esmagassem a Rússia socialista.

E agora... representam a comédia que se está vendo.

A dança das horas

Lá desandamos outra vez os ponteiros, voltando à hora de antes da guerra. Dizem que esta dança das horas, muito apreciada pelos entendidos, é para realizar uma grande economia. Que economia se terá realizado ao certo? Não sabemos. É possível que tenha sido enorme.

Mas a avaliar por nós, não foi nenhuma. Nós, francamente, não demos por ela. Mais empobrecidos, mais desprovidos de tudo, mais esfolados que o que estamos, nem um gato ao ser impingido por lebre.

As greves em Marselha

«Dockers», radiotelegrafistas e inscritos marítimos

MARSELHA, 16. — Os dockers tinham resolvido voltar ao trabalho com a promessa de que os seus salários seriam de 18 francos por dia, mas abandonaram-o de novo esta manhã em consequência dos patrões se recusarem a dar-lhes mais de 16 francos.

Solidarizando-se com os radiotelegrafistas, os inscritos marítimos abandonaram também esta manhã os navios, sendo por isso provável que hoje não saia navio algum. — H.

O delegado a Washington

é homem da mais absoluta confiança do ministro do trabalho

Para o total esclarecimento da desconfiança burla engendrada em torno do congresso de Washington contribui a *Capital* de ontem com o importante subsidio das declarações feitas pelo ministro do trabalho a respeito do assunto. Assim falou o ministro do trabalho, segundo o jornal referido:

«Fiz consulta a todas as associações operárias das quais apoderei 7 me enviaram listas, triplicadas com os nomes dos seus membros, entre os quais figurava o sr. Alfredo Franco. A parte operária sindicalizada recusou-se terminantemente a mandar-me qualquer indicação sobre o assunto e como dos nomes que me foram indicados o único que eu conhecia bem era o sr. Alfredo Franco, escolhi-o».

E o ministro remata:

«Trata-se de um homem que tem prestado bons serviços no ministério do trabalho e no qual tenho a mais absoluta confiança».

A mais absoluta confiança. Realmente, só faltava esta insuspeita declaração do ministro do trabalho para em absoluto ficar confirmada a identidade de vistas existente entre os socialistas políticos e os governantes burgueses. Pois tem o sr. Alfredo Franco a mais absoluta confiança do ministro do trabalho. Bom proveito. A confiança do operariado é que ele não tem. Essa lhe garantimos nós.

Na Rússia vermelha

A evacuação da Curlândia

BERLIM, 16. — A evacuação das tropas da Curlândia deve terminar esta semana, mas uma grande parte delas já passou para o serviço da Rússia, estando assim fora da influência alemã. — H.

A Revolução Social Europeia

Os bolchevistas húngaros tentam restaurar a República dos Soviets — Preparava-se a Revolução Social na Alemanha para Novembro

VIENA, 16. — Os bolchevistas húngaros tentaram armar batalhões de operários, a fim de restabelecerem a ditadura, mas o movimento malograra-se. Foi também descoberta correspondência entre o conselho executivo do movimento e os soviets da Rússia para se realizar na Alemanha no dia 9 de Novembro uma insurreição comunista. — H.

Descoberta de uma assembleia de espartaquistas alemães

BERLIM, 16. — A polícia descobriu uma assembleia espartaquista, prendendo todos os que eram portadores de documentos comprometedores. — H.

A GREVE DOS FERROVIÁRIOS INGLESES

Analogias curiosas — Uma campanha infame de mentiras — As fases do conflito — A acção dos tipógrafos

Após nove dias de luta, quando o movimento mostrava tendências para se alargar, terminou a greve ferroviária de súbito por um compromisso.

Como cá, com a greve da C. P., o governo inglês impunha, como condição, previa para qualquer negociação, a volta dos grevistas ao trabalho. Mas, afinal, não foi assim cabeceado como o nosso e consentiu em oferecer novas garantias, para acabar depressa com um movimento que tanto sobressaltava a burguesia.

E o seu pavor mostrou-se exuberantemente. A imprensa burguesa assumiu uma atitude de desvario e furor, de tal ordem que mais parecia tratar-se da reabertura das hostilidades com os impérios centrais. A linguagem empregada era mesmo perfeitamente igual.

A greve vinha a ser um ataque inesperado contra a nação. Mas a população suportava-a corajosamente, e o arrastamento era aceite por toda a parte com bom humor, o serviço melhorava de dia para dia. Os grevistas retomavam o trabalho em massa. Era certa a vitória do governo. Era uma nova guerra do direito, fazendo os ferroviários o papel de «boches» e os capitalistas o de paladinos da liberdade. Em suma: exactamente o mesmo «atafulhamento de cães» usado aqui, por ocasião da greve da C. P. e outras.

O *Times* chegou mesmo a escrever clinicamente: «Como a guerra com a Alemanha, deve esta luta ir até ao fim».

Ao que J. H. Thomas, secretário da federação ferroviária, respondeu: «Isso só uma coisa pode significar: que o governo deve tratar esses 500.000 ferroviários — muitos dos quais defenderam a liberdade e a vida dos cidadãos deste país — como se fossem estrangeiros e inimigos. É um apelo à chacina, ao mesmo tempo que a mobilização de todos os recursos do tempo de guerra contra os nossos próprios cidadãos».

Note-se que J. H. Thomas é o mais moderado dos homens, adversário da acção directa, antibolchevista, — o que não obteve a que a imprensa o taxasse de «bolchevista». Para ela, a greve era o fruto duma conspiração de meia dúzia de anarquistas, de extremistas, que a tinham feito declarar de surpresa. A mesma descarada e colossal mentira de guerra que cá se emprega.

Muito pelo contrário, nunca houve movimento mais desejado pela massa dos grevistas. Thomas foi arrastado por eles, bem a contra-gosto. E havia sete meses que as negociações ou solicitações duravam: houve mais de quarenta conferências com o ministro dos transportes. O programa de reivindicações foi mesmo apresentado ao governo logo que cessaram as hostilidades, vai fazer um ano.

O que os ferroviários reclamam sobretudo é a «estandardização», a equiparação dos salários de cada categoria ao mais elevado — que o agulheiro, por exemplo, ganhe por toda a parte o mesmo, tomado o salário mais alto.

Pretensão modestíssima, sabendo-se que os ferroviários são, na Inglaterra como em todo o mundo, dos operários mais mal pagos.

Porque, pois, tamanha resistência? Alegou-se, como em Portugal, um déficit, mas Sidney Webb conseguiu demonstrar que há pelo contrário um saldo de 60 milhões de libras, depois do pagamento de 200 milhões aos accionistas.

A verdadeira razão é que a burguesia teme o alastramento do espírito revolucionário, a influência crescente dos «extremistas», como já aqui foi notado a respeito do nosso país. O governo entende que é preciso opor um dique a essa onda, por lado qualquer contemporâneos e dar pra baixo a propósito de

qualquer esboço de revolta. E' agora o pensamento unânime de todos os governos e burguesias do mundo — que, afinal, só conseguem excitar a solidariedade operária e o sentimento de classe, alargando cada vez mais o abismo.

A greve, iniciada no dia 27 de Setembro, paralisou por completo o tráfego. Os grevistas reúnem-se amiúde, em assembleias enormes, que não cabem na maior sala de Londres, «Albert Hall», neles vibra o mais ardente entusiasmo e nota-se, por mil sintomas, um estado de espírito pouco tranquilizador, na verdade, para a burguesia. De toda a parte, veem manifestações animadoras de solidariedade operária.

Em vão a imprensa mente a todo o vapor, ajudada na empresa pelo serviço especial de informações criado pelo governo, como durante a guerra, para dar aos jornais dois comunicados por dia.

Em vão também as companhias recorrem a todos os meios para recrutar pessoal adventício, prometendo, apesar do decantado *difficil*, suplementos de paga aos ferroviários que retomarem o trabalho.

A greve acentua-se. Por falta de carvão, cerram-se fábricas. E como a hulha não é transportada, deixam as minas de laborar. Há alguns actos de sabotagem, a propósito dos quais o governo faz grande alarde de forças, pondo metralhadoras num parque de Londres.

Várias corporações estão prontas a fazer greve de solidariedade. Mas Thomas recusa as ofertas nesse sentido, como as dos empregados dos ferroviários e ómnibus londrinos e dos electricistas.

Os delegados dos operários dos transportes, mineiros, empregados postais, tipógrafos, electricistas, metalúrgicos, mecânicos, construtores de navios, sindicatos femininos, reúnem e mandam uma comissão a Lloyd George, que está intratável: voltem os grevistas ao trabalho e depois conversará. O nosso Sá Cardoso deve estar ufano.

Mas amansa logo um pouco e propõe uma trégua duma semana, que os ferroviários não concedem.

Julgase então inevitável a greve geral, que vai sair de certo duma conferência convocada com urgência. Mas é então que se faz o acordo que põe fim à greve, após uma entrevista de cinco horas: o governo, recuando da greve geral, abandona a sua intransigência, mas é certo que os *leaders* dos ferroviários também hesitam em impelir as coisas até ao fim... e, logo que puderam, aciveram a greve.

A atitude da imprensa, capitamos, foi repugnante. Valem aos grevistas o *Daily Herald*. Depois, a grande imprensa foi abandonando o tom... Mas neste ponto, traduzamos de Alfredo Rosmer, que é quem nos proporciona os melhores dados:

«Os jornais liberais, depois o *Daily Express*, tornaram-se gradualmente menos parciais e mais verídicos. A essa mudança não foi talvez estranha a acção dos tipógrafos. O secretário geral do seu sindicato, Isaacs, foi ter com o comité da greve, declarando que os membros da sua organização estavam grandemente irritados e indignados com as mentiras que eles tinham que imprimir, e que muitos pensavam em fazer greve. Eis uma acção que é bem animador registar, pois parece atingir todos os países. Já a vimos manifestar-se na Espanha, em Portugal, na Sérvia. Convmem que se generalize e que, nos grandes movimentos operários que por toda a parte se háo produzir, os trabalhadores do livro e do jornal exerçam uma censura, que constitua uma legítima repressão contra o capitalismo».

As calúnias do "Combate" e a organização operária

Pessoal Extraordinário dos Tabacos

Reuniu antontem a assembleia geral deste sindicato que aprovou por unanimidade a seguinte moção da autoria do camarada Eduardo Jorge:

«O Pessoal Extraordinário dos Tabacos, reunido em assembleia geral no seu sindicato, na tarde de 16 do corrente, considerando que o jornal *O Combate*, órgão de um partido que se intitula socialista, tem ultimamente despedido toda a qualidade de infâmias, calúnias e mentiras sobre a organização operária, procurando desprestigiar a mesma organização e dos seus melhores e mais activos militantes;

Considerando que o mesmo jornal tem afirmado mais de que uma vez que, o avanço da organização operária se deve ao partido de que ele se diz órgão;

Considerando que a sua campanha tem chegado ao ponto de afirmar que o regresso à metrópole dos camaradas deportados por questões sociais se deve ao seu partido, quando é certo que se esse facto se verificou, apenas foi devido à acção enérgica e persistente da organização operária;

Considerando que, o mesmo partido intitulando-se defensor do operariado não o poderá ser em virtude de que é um partido estadual como qualquer outro partido burguês;

Considerando, finalmente, que, o mesmo jornal se intitula o órgão do operariado português o que é a mais

DESFAZENDO UMA BURLA

O proletariado português

afirma, de uma forma irrefutável, ser inteiramente estranho à nomeação do sr. Alfredo Franco à conferência burguesa de Washington

Sessenta organismos operários de Lisboa nos enviaram já os seus protestos

As associações operárias, à medida que vão efectuando as suas reuniões, vão-nos enviando notas de protestos contra a sua pseudo representação no Congresso de Washington.

Esta atitude da organização operária em nada é extranhável. Sobre a organização sindical de Portugal cumprir os compromissos tomados. Agora, tornando públicos os seus protestos contra a flagrante mistificação de que as associações operárias se faziam representar na referida burguesa conferência, estas nada mais fazem do que cumprir as resoluções tomadas no congresso operário nacional, ainda há pouco realizado em Coimbra.

«Deve o operariado português fazer-se representar na conferência do trabalho? Seria fácil demonstrar que não, como no Congresso de Coimbra se demonstrou».

Mas não é da utilidade ou inutilidade da representação que se trata. O que de condenável há na forjada delegação é o recar a sobre um indivíduo que não é o operário nem gosa da confiança da classe operária que, por sinal, há tempo há muito, e se essa nomeação fosse clandestinamente, com o inteiro desconhecimento das associações operárias legítimas e únicas representantes do proletariado.

A organização operária não buliría, porém, com a questão — visto que ela nada mais é do que uma burla como tantas outras de que os governantes se servem para sancionar aparentemente os seus actos arbitrários — se ela não viesse acompanhada da mais descarada das mentiras, dizendo-se que a nomeação havia sido feita mediante *prévia indicação das associações operárias do país*. Ora isto é que essas associações não podem deixar passar sem protesto.

Deva ou não deva o operariado fazer-se representar — não é aqui que discutimos isso com o socialista representante — o certo é que o operariado português não o autorizou a servir-se do seu nome para o passeio à custa larga dos magros coíres públicos por esses mares fora até o luxuoso e opulento palácio de Washington.

Sindicato da Construção Civil de Beja

A direcção deste Sindicato, vindo no jornal *O Combate*, a notícia de que tinha sido nomeado pelo governo o sr. Alfredo Franco como delegado das classes operárias ao congresso burguês que se realiza em Washington, protesta enérgicamente contra esse intruso que se quer fazer passar como representante de instituições que para isso o não autorisaram.

Cooperativa operária «A Cumana»

Na assembleia geral ultimamente realizada, foi resolvido protestar contra a nomeação do sr. Alfredo Franco como representante das classes trabalhadoras ao congresso de Washington, não reconhecendo esse indivíduo como operário, mas sim como um traidor à classe metalúrgica.

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

A assembleia geral deliberou, por proposta de Higinio Diniz, protestar contra a nomeação do sr. Alfredo Franco, para ir a Washington representar a classe operária.

Operários da Indústria de Carroagens

A comissão administrativa tomando conhecimento da nomeação pelo governo do sr. Alfredo Franco, como delegado à Conferência do Trabalho de Washington, mediante *prévia* das classes operárias do país, declara, que, fiel às resoluções do 2.º Congresso Operário Nacional, tal não deliberou protestando enérgicamente contra esse abuso, não reconhecendo o sr. Alfredo Franco como representante da classe operária.

Torneios Mecânicos

Na assembleia dos Torneiros Mecânicos, ontem realizada no Sindicato Unico Metalúrgico, de que fazem parte, foi aprovado um protesto contra o governo, que nomeou o sr. Alfredo Franco representante das classes operárias à conferência de Washington, quando elas não delegando nesse senhor não fizeram mais do que acatar as resoluções do Congresso Operário de Coimbra, no sentido de se desinteressar pela acção e funcionamento da mencionada conferência.

Tornou também extensivo o seu protesto contra a forma pouco séria e procedimento incorrecto do sr. Alfredo Franco, por se ter prestado a desempenhar tal papel, por isso que o não de via ter feito por dois motivos, um por que não era operário sindicalizado, outro porque actualmente é industrial e não operário.

Profissionais Culinários e Artes Correlativas

Esta classe não deu delegacia nem representação ao sr. Alfredo Franco para representar os trabalhadores no congresso de Washington, e por isso protesta contra a nomeação do referido senhor.

Trabalhadores de Teatro

Amigos e camaradas da «Bataha»: — Participo-vos que, por esquecimento meu, na reunião da Comissão administrativa da Associação dos Trabalhadores de Teatro, realizada na quarta-feira última, não apresentei a questão da ida do sr. Alfredo Franco a Washington. Mas posso declarar-vos, como vogal da mesma comissão, que o sr. Alfredo Franco não foi nomeado nem em assembleia geral nem pela mesma comissão. — António de Sá Júnior, vogal da comissão administrativa da Associação dos Trabalhadores de Teatro.

Nos nossos assinantes

Avisamos os nossos estimáveis assinantes na província do envio nesta data à cobrança, pelo correio, dos recibos das suas assinaturas.

Esperamos a pronta liquidação dos débitos respectivos, a fim de evitar devoluções sem pagamento, o que prejudica o jornal, em consequência dos gastos elevados que a cobrança postal acarreta.

A Administração.

Construção Civil do Alto do Pina

Reuniu em assembleia geral no dia 16 do corrente tratando de vários assuntos e aprovando a seguinte moção de protesto:

«Considerando que a imprensa burguesa há dias que ia se enviando pelo governo a representar o operariado português no Congresso de Washington Alfredo Franco;

«Considerando que a mesma afronta à classe operária a dita delegacia;

A secção das Associações da Construção Civil do Alto Pina reunida em assembleia geral, resolve:

1.º Protestar contra a nomeação de Alfredo Franco ao dito Congresso, pois que esta Secção não delegou em indivíduos que se pretendem guindar à sombra da classe operária, e quando o fizesse seria em militantes de confiança e sindicados.

2.º Cumprir as deliberações tomadas no II Congresso Operário de Coimbra, ou seja as de não enviar delegados a Washington por não ser de utilidade para a classe operária.

3.º Dar poderes a F. N. da Construção Civil a fim de convidar a redacção do jornal *O Combate* a declarar quais foram as associações que delegaram no sr. Alfredo Franco como delegado ao dito Congresso enviado pelo governo».

Pessoal Extraordinário dos Tabacos

Este sindicato, reunido antontem em assembleia geral, tomando conhecimento da nota inserida em *O Combate* de 14 do corrente, acerca da nomeação feita pelo governo do mesmo jornal, para representante do operariado português à Conferência do Trabalho nos Estados Unidos, associa-se à organização operária no seu protesto colectivo contra a mesma nomeação, não só por ser coerente com as resoluções tomadas no II Congresso Operário Nacional em que este sindicato se fez representar como ainda pela referida confes-

Nos países bálticos

Um «ultimatum» inglês ao general Erberhardt

HELSINGFORS, 16. — O chefe das forças navais inglesas mandou um ultimatum ao general Erberhardt para que evacue os arrabaldes de Riga; em caso negativo expor-se-á a um bombardeamento. — H.

WASHINGTON, 16. —

O presidente Wilson passou o dia melhor; o doente continua melhorando. Com o tratamento de um especialista, diminuiu a inchaço da prostata. — H.

O QUE VAI LÁ POR FORA

A Constituição — Os Conselhos de Soldados e Operários — Os independentes — Os espartaquistas — Os Sovietes na Baviera

(Conclusão)

Após seis meses de estudo e de debates foi promulgada no mês de julho a Constituição da república alemã, que representa, simplesmente um compromisso entre os burgueses e socialistas.

Uma das primeiras coisas que salta logo à vista é a conservação do nome Reich (Império) à República.

Dizem os social-democratas, que foi devido à atitude das direitas, que se viram obrigados a fazer essa concessão puramente verbal, mas que para si ela terá a significação do velho imperium romano, aplicada também à designação do domínio e poderes da República.

A Constituição alemã, inspirada nos princípios da propriedade e da colaboração de classes, e votada por uma assembleia burguesa não podia ser senão uma constituição burguesa; mas no entanto, os socialistas, para que o povo ingenuo não perdesse de todo a fé nas suas promessas, conseguiram que a Assembleia Constituinte aprovasse duas leis sobre socialização. Voltaram-nas clericais e genuínos representantes do comércio e da indústria, e por isto se pode calcular o valor dessas leis.

Foi Scheidemann, para acalmar os ânimos excitados pelos acontecimentos de janeiro, quem primeiro falou em nomear uma Comissão, encarregada de estudar o problema da socialização. Os comissários do Povo ofereceram-se, imediatamente, para esse fim, mas, o governo temendo que eles fossem muito precipitados, não aceitou os seus favores, e encarregou desse trabalho seis professores universitários e cinco socialistas.

Estes, no resultado dos seus estudos, dividiram-se em dois grupos: um composto de nove membros, e outro de dois.

A maioria propôs uma verdadeira socialização, eliminando todo o capital particular e do Estado.

A minoria (dois católicos) não quis renunciar absolutamente ao capital particular, e a sua socialização consistia naquilo que é vulgarmente conhecido pela democracia na fábrica.

Scheidemann, que tinha ordenado este inquérito, só para inglês ver, decidiu-se então, por ocasião da greve geral de março, a apresentar, à Assembleia Nacional, um projecto de socialização, muito semelhante ao da minoria da Comissão, embora dissesse que o tinha compilado independentemente das duas relações.

Foi tudo isto aprovado, como já disse, porque o próprio ministro Scheidemann foi o primeiro a declarar, que não tinha grande vontade de abrir já a porta à socialização.

Uma das duas leis tem o nome de «Lei sobre a socialização» e prescreve: que todo o alemão — sem delimitar da sua liberdade pessoal — tem o dever de aplicar a sua energia intelectual e física, como o exigir o bem-estar geral; que o Estado garante a todos a possibilidade de ganhar a sua vida com um trabalho correspondente à sua capacidade; que, por via legal e contra indenização adequada, o Estado pode transferir a economia nacional, toda a riqueza que a isso se preste etc.

A outra lei diz respeito à sistematização da economia do carvão, e socializa de tal forma, que o capital particular não é atingido, e os mineiros continuam a mercê dos seus patrões.

E ora aí está o Socialismo dos Scheidemann e C.ª.

Nos dias da revolução de Novembro foram os Conselhos de Operários e Soldados, que possuíam e exerceram todos os poderes do Estado. Promulgaram decretos com força de lei, destituíram e nomearam funcionários, numa palavra, desempenharam todas as funções que caracterizam o exercício da soberania.

Os socialistas maioritários — burgueses rotulados de socialistas — vendo nisto uma séria ameaça aos seus interesses e apetites, decidiram lá entre si fazer-lhes uma guerra de morte, estudando na sombra a maneira como o haviam de conseguir mais facilmente. A ocasião apresentou-se-lhe oportuna quando em Dezembro os Conselhos convocaram um Congresso, a fim de saber se se devia optar pela República dos Sovietes ou pela Assembleia Nacional.

Tendo a maior parte do operariado por si nesse tempo, os maioritários, além de conseguirem que fosse adoptada esta última proposta, ainda obtiveram que o Conselho Central dos Operários fosse todo constituído com membros do seu partido.

Assim que a Assembleia Nacional começou os seus trabalhos, estes renunciando a própria autoridade, apressaram-se a depor nas suas mãos os poderes que lhe tinham conferido os operários de toda Alemanha, julgando assim que acabavam para sempre com os Conselhos.

Mas enganaram-se, porque estes, inspirados pelos independentes e comunistas, continuaram a agir da mesma forma, não ligando importância ao seu gesto.

Scheidemann, que já tinha prometido — por ocasião dos acontecimentos de janeiro — que introduziria na constituição o sistema dos Conselhos, ao ver esta atitude do proletariado alemão, decidiu reconhecer a existência dos Conselhos, mas só com funções económicas.

Este projecto, impedindo aos Conselhos toda a actividade política, está claro, que levantou, por toda a parte, a mais viva oposição.

Antes mesmo que a lei fosse aprovada, o Bureau Central dos Conselhos operários revolucionários reuniu um grande número de representantes que resolveram desenvolver contra vontade dos governantes as organizações dos conselhos existentes, e agrupar os Conselhos de exploração por ramos de indústria.

Nos primeiros meses de 1919, a situação era, portanto, a seguinte: a maioria dos Conselhos de exploração por ramos de indústria, e a minoria dos Conselhos de exploração por ramos de indústria, estavam a desenvolver a sua actividade política, e a minoria dos Conselhos de exploração por ramos de indústria, estavam a desenvolver a sua actividade económica.

mesmo tempo, todos os documentos relativos à preparação das eleições.

Freiheit (Liberdade), o órgão dos socialistas independentes, ao protestar contra este procedimento, disse, que nunca os homens do antigo regime teriam ousado tomar semelhantes medidas, e, por isso foi ameaçado de suspensão, caso voltasse a reincidir.

Um manifesto, publicado por estes ditados preconizando a substituição das formas actuais do Estado e da economia pelos Conselhos de operários, foi apreendido, e proibida a publicação de novos jornais, para que não reaparecessem com outro título, aqueles que fossem suprimidos.

No entanto a luta prosseguiu, e o Comité Executivo convocou um Congresso, aconselhando aos trabalhadores que instituísem por si mesmo o sistema de Conselhos, dando-lhe para este fim alguns traços gerais dum plano de organização.

Os comunistas, declararam logo que se abstiveram de qualquer colaboração, nesse Congresso porque, enquanto durasse o estado de sítio, ele seria, simplesmente, uma comédia ridícula, e de certo tinham razão, porquanto grande número de congressistas, depois de alguns dias de debates apaixonados, partiram para as suas terras, com o pretexto de que em Berlim não havia que comer.

Apesar deste remate inexplicável, a acção de organização dos produtores tem continuado, mas numa forma pacífica, não com o carácter insurreccional do mês de Janeiro.

Foi a este partido, que se foram acópiar quase todos os elementos operários, desiludidos das esperanças que outrora tinham depositado em Scheidemann e demais chefes maioritários.

Desceu o termómetro dos maioritários, enquanto o dos independentes subiu enormemente. Freiheit que se começou a publicar em Novembro, apenas, com alguns milhares de exemplares, já atingiu hoje uma tiragem de 300.000; ao passo que Vorwärts, o órgão dos de direita, que anda em Março tinha uma tiragem de 700.000 jornais, desceu já a 100.000.

O programa dos Independentes, não atacando o «sistema dos Conselhos» nem o regime parlamentar, está de molde a acolher em seu seio, tanto os que venham da direita como os ingenuos da esquerda.

No congresso do partido, realizado em Setembro, Haase disse: «Sem dúvida que as dificuldades económicas podem provocar uma nova crise revolucionária, mas pode acontecer que tenhamos que esperar ainda muito tempo até que essa vaga se faça sentir de novo.

Devemos contar com esta última possibilidade, e é por isso que não devemos renunciar à nossa actividade parlamentar.

Por isto se vê que o chefe do partido independente aceita, ao lado do sistema dos Conselhos, a acção parlamentar, simplesmente, como meio de acção auxiliar e oportuna, no caso em que a revolução se faça demorar muito. Pode ser que dentro em breve vejamos se isto é dito com sinceridade ou não, pois que a reacção que campela infere por toda a Alemanha, os levantamentos dos camponeses, e o descontentamento do proletariado das cidades, decerto trarão consigo depressa uma nova revolução.

Nessa ocasião então veremos a diferença que vai dum Haase a um Scheidemann. No seio do partido independente existe uma facção, dirigida por Batmigg, que embora não aceite também as «violências extremistas», no entanto tem combatido alguns pontos do programa de Haase, por os considerar pouco claros, por exemplo no que diz respeito à «actividade legislativa» dos Conselhos de Operários. Caso amanhã rebente a revolução, é provável que se dê logo uma scisão no partido, entre estas duas tendências.

Depois da morte de Liebknecht e Rosa Luxemburgo — os dois dirigentes do Partido Comunista Alemão — este foi, em teoria, considerado como extinto. E' verdade que os seus jornais foram proibidos — e todos os seus mantenedores escurrados, mas isso não significa a morte dum partido, e tanto que os comunistas continuam a viver e a esperar pela ocasião em que possam pôr em prática o seu programa de «Ditadura do proletariado».

E' provável que a ocasião esteja próxima — em vista de até já se falar em restauração monárquica na Alemanha — e desde assim oxalá que os espartaquistas desta vez consigam ter maior influência sobre o espírito do povo revoltado, do que na revolução de Novembro.

Está claro, que a ditadura do proletariado será uma nova tirania com todos os seus defeitos inerentes, mas, no entanto, entre a ditadura permanente e feroz da burguesia, e a ditadura do proletariado, não podemos deixar de desejar o triunfo desta última. Consequência ela, cabe então aos libertários, procurar entre as massas, que estas organizem e socializem a produção, o consumo e a distribuição dos produtos, de modo próprio, do simples para o complexo, pelo livre entendimento, sem estarem à espera das ordens e decretos dos ditadores.

Foi só na Baviera, um dos quatro reinos da antiga confederação alemã, que os comunistas conseguiram triunfar por alguns dias.

Depois da queda da dinastia de Wittelsbach triunfaram lá, seguidamente, os seguintes governos: independentes, monárquicos, espartaquistas (comunistas), e maioritários.

Os primeiros abandonaram o poder aos monárquicos, após o assassinato do ministro Kurt Eisner, que com Liebknecht e Luxemburgo, foi uma das três

Teatro São Luiz

A popular e divertida revista
A ODEON
Aviso a quem não resista
Da gargalhada ao prazer,
Inda que a greve persista,
Podem ir ver a revista
Com a barba por fazer.

vítimas da saguária contra-revolução. Estes últimos não se puderam aguentar muito tempo no poder, e seguiram-se-lhes os comunistas, capitaneados pelo doutor Lewin, israelita, amigo de Lênine e conhecido de Trotsky, Kamenet e outros maximalistas.

O seu programa era o socialismo integral, quer dizer, a socialização de todas as riquezas nacionais e particulares, e de todos os meios de produção.

Lewin assim que subiu ao poder, tratou imediatamente de pô-lo em prática, sendo exilado nesse trabalho por um estudante, a quem deram o nome de «Toller» (O louco), mas rodeado de inimigos por todos os lados, sem o apoio do proletariado alemão, teve de render-se daí a pouco perante as forças contra-revolucionárias de Noske.

Depois disto tomaram conta do governo os maioritários, condenando à morte o dr. Lewin, e a cinco anos de detenção numa fortaleza o estudante Toller.

Perseguições governamentais

Reúniu esta comissão para apreciar a situação dos camaradas presos e constatou-se ter sido apanhada a camarada Leopoldina Tavares, que se encontrava no Aljube, por ter assistido a uma reunião de protesto contra a carestia da vida, o que se torna deveras revoltante se, nelhe coincidência, enquanto que os causadores destes assuntos continuam livremente envenenando o povo trabalhador e sonhando-lhe os generos de primeira necessidade, para assim fazer a alta de preço, isto com o consentimento dos governantes e sempre em plena liberdade.

Por este mesmo facto, continuam no Limoeiro e no Monsanto, os jovens socialistas que também efetivaram reuniões nesse sentido.

Continuam sistematicamente demorações, os julgamentos de todos os presos por questões sociais, o que está impediendo de veras a classe trabalhadora, que vai encetar um unânime protesto sobre estas inqualificáveis perseguições.

Urge que a classe trabalhadora mais uma vez ponha à prova a sua absoluta solidariedade para com os camaradas e famílias daqueles que se encontram a ferros desta república, para glória e satisfação da classe burguesa, detentora de tudo isto.

Hoje, sábado, encontram-se na sede da C. G. T., membros desta comissão, a fim de receber os donativos angariados a favor dos presos por questões sociais.

Fica por esta forma rectificada a notícia dada ontem nesta secção sobre o envio de 4000, que é de uma quete tirada no passado domingo, em um benefício realizado no Sindicato do Pessoal Extraordinário dos Tabacos.

Construção Civil do Alto do Pina

Na assembleia ontem realizada, protestou energicamente contra as autoridades que pretendiam assaltar a Secção de Palma, julgando estarem ali reunidos os jovens sindicalistas daquela área.

A greve dos barbeiros

Continua sem solução

Continuam em greve os barbeiros, tendo sido rejeitada, na assembleia de ontem, por aclamação, a plataforma patronal, estando resolvidos os grevistas a não transigir, tendo não ouvido a um grevista o seguinte:

«Ou o nosso ofício nos garante o nosso alimento e de nossas famílias, ou abandoná-los-hemos definitivamente.»

Protestaram os grevistas na assembleia de ontem energicamente e com grande indignação, contra a forma incorrecta com as autoridades tem procedido contra camaradas e comissões que pacificamente percorreram a cidade, resolvendo estabelecer, de hoje em diante, postos de barbear em alguns sindicatos operários mais concorridos, para servir todos os trabalhadores conscientes que lhes queiram prestar a sua solidariedade.

Funcionários públicos

Reclamam do minist'ro das finanças equiparação de vencimentos

A comissão de melhoramentos da Associação dos Empregados do Estado, composta de funcionários de todos os ministérios, conferenciou ontem, mais uma vez com o ministro das finanças, sobre a equiparação de vencimentos.

Nessa conferência ficou assente que será nomeada uma comissão composta pelos chefes das diversas repartições de contabilidade e de três delegados da referida associação, para no mais curto prazo de tempo procederem ao estudo da mencionada equiparação em bases justas e equitativas. Os delegados escolhidos pela comissão de melhoramentos são os seguintes: Macedo e Brito, sub-inspector de finanças; Apolinário Pereira, chefe de secção do ministério do trabalho, e Moraes e Castro, 1.º oficial do ministério das colónias.

A comissão de melhoramentos continuará tratando do assunto junto dos parlamentares até satisfação dos seus objectivos.

A direcção da associação está trabalhando cuidadosamente no modo de regularizar quanto antes toda a sua obra, para o que vai arranjar cobradores em todas as secretarias do Estado e suas dependências, visto a mesma ter sido até hoje irregular pela falta dos retribuidos cobradores.

PURGAÇÕES

Devolve-se o dinheiro a quem se não curarem 6 dias. Drogaria R. Praça da Figueira, 39.

A BATALHA

Vida dura e difícil

Criminosa cumplicidade

Por culpa das autoridades sanitárias é lançado no mercado feijão absolutamente impróprio para consumo

Como relatámos há dias, o ex-ferroviário Tomás Domingos de Oliveira, informado de que na estação de Santa Apolónia existia uma grande porção de feijão incapaz para o consumo, promoveu que este ficasse detido e se procedesse à sua inutilização.

Efectivamente assim se chegou a fazer, mas, por artes de berliques e berloques, esse feijão, na quantidade de 290 sacos, ou sejam cerca de 20.000 quilos foi expedido para Alfairos, à consignação da firma Alcobaca e Geraldo.

Novamente detido ali e chamada a respectiva autoridade sanitária, esta, em vez de mandar proceder à sua imediata inutilização, autorizou a sua saída a título de ser «para os animais», dando assim lugar a que ele fosse lançado no mercado como se deprende duma carta recebida de Alfairos da qual recontamos os períodos abaixo que claramente demonstram a criminosa protecção dispensada aos assambarcadores pelas autoridades sanitárias daquela localidade, em prejuízo do consumidor.

Evoic amostra de 200 sacos de feijão, peso 20.000 quilos, retido na estação desta localidade (Alfairos) por ser impróprio para consumo.

O chefe da estação, um tal Abreu, ou era sócio da firma Alcobaca e Geraldo a quem o feijão vinha dirigido, ou tinha em grandes compromissos com esta gente, porque, depois do feijão ter sido retido até que viesse o subdelegado de saúde, autorizou que ele saísse. Chamado o regedor, conseguiu-se impedir que o feijão continuasse a sair da estação. Porém, no dia seguinte, veio o dr. Delim Pinheiro, médico da C. P., acompanhado do administrador de Sousa, que autorizaram a saída do feijão para os animais comerem. E todo isto a título de ser «para os animais».

Ao que me consta o dr. Delim é ainda da família do sr. Alcobaca ou Geraldo e daí o ser permitido a saída do feijão. Este feijão vem de Lisboa e Porto. No dia seguinte o sócio da firma, Geraldo, quando chegou a casa, encontrou o feijão, e teve o desagrado de dizer: «Então não lhes parecia mal empregado para porcos? Não é comê-lo, porque o feijão é bom». O chefe da estação não se deu ao trabalho de lhe responder se tanto ou mais do que o feijão não é para os porcos, e se não é para os porcos, não é para os humanos, visto que essa amostra foi colhida de 15 ou 20 sacos seguidos. Na noite da amostra trabalharam muitas pessoas dum lado para outro e de automovel.

Consta-me que vem de Lisboa e Porto mais feijão podre, e que é para misturar com o bom.

Temos aqui, na nossa mesa de trabalho a amostra a que se refere o trocisco acima transcrito e, apesar de o procurarmos com toda a pachorra, não nos foi possível encontrar um só feijão que não estivesse esburacado e cheio de bicho.

Reclamam providências? Para quê? Isto e dêles!

Continua a aparecer bacalhau póbre

Pelo sub-delegado de saúde, sr. dr. Carlos da Silva, foram mandados inutilizar 400 quilos de bacalhau impróprio para consumo que estavam a vender ao público no estabelecimento de Francisco Filipe, rua do Arco do Carvalho, 20. O bacalhau foi removido para o guano.

A escassez de açúcar no Porto

Encontram-se em Lisboa alguns delegados da indústria de confeitearia e pastelaria do Porto, que vem pedir providências contra a forma como é feita a distribuição de açúcar e de outros géneros daquela indústria.

Os lojistas protestam — O govern'ro vai providenciar?

Os corpos gerentes da Associação dos Vendedores de Viveres e Retalho apresentaram ontem queixa ao ministro da Agricultura e ao director geral do Comércio Agrícola, contra a forma irregular com que está sendo feita a distribuição de açúcar, e contra a maneira vergonhosa como funcionam os armazéns reguladores de preços e ainda a propósito da Manutenção Militar estar adquirindo trigo e outros cereais pauliceiros no Alentejo e norte do país, por preços superiores aos da tabela. Pediram também providências acerca da venda de manteiga. O ministro respondeu que ia estudar um novo sistema para a distribuição de açúcar; que o governo estava tratando da extensão dos armazéns reguladores, e cuidava da forma de barratar os géneros de alimentação, pensando também em estabelecer a liberdade de comércio. Quanto à venda de manteiga, disse o ministro que já diversos comerciantes tinham solicitado autorização para a venda directa daquele género, tomando a responsabilidade do seu preço, ser de 2820, cada quilograma, isto é, menos 20 centavos do seu preço legal.

Consta que a direcção geral do Comércio Agrícola vai mandar proceder a um rigoroso inquérito acerca dos abusos que se tem praticado na distribuição de açúcar, tanto em Lisboa como em outros pontos do país.

O sr. ministro da Agricultura atendeu, em parte, as reclamações dos proprietários de confeitearias e pastelarias do Porto, referentes à distribuição de açúcar.

O bacalhau póbre saiu do guano

Continuaram ontem as averiguações policiais sobre o caso do descamição de bacalhau póbre do guano, seguindo a polícia, ao que nos informa, uma importante pista, que há de levar à descoberta dos autores do repugnante crime.

A questão do peixe

Como estava anunciado, efectuou-se ontem demorada conferência entre o presidente do ministério e os armadores de pesca, para se assentarem nas medidas a adoptar tendentes ao barateamento do peixe.

O assunto será, ao que parece, definitivamente resolvido noutra conferência que ficou apressada entre o chefe do governo, os mesmos armadores e a comissão de subsistências da câmara municipal.

Ainda mais bacalhau póbre?

O ex-ferroviário Tomás Domingos de Oliveira pede a todos os camaradas ferroviários para que vigiem de perto o vagão n.º 2.030, com um carregamento de vinte fardeiros de bacalhau em manutenção, despachado na estação de Cal-

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa. — A assembleia geral tratou dos deveres dos operários desta classe para com os seus camaradas das outras classes, fazendo o companheiro José Pereira Pimentel sciente a assembleia do que se tinha passado no Congresso de Coimbra, e alvitrando que se atendessem aos desejos da Federação logo que ela se encontrasse solidamente constituída e unificada; pois que só assim os operários poderiam conquistar as regalias a que têm direito. No meio do maior entusiasmo alvitrou-se que fosse exarado na acta um voto de louvor às organizações operárias e ao jornal A Batalha, seu órgão defensor.

Sindicato Unico da Construção Civil de Almada. — Reuniu a assembleia geral para apreciação do relatório dos delegados aos congressos de Coimbra. José Quaresma que presidiu deu a palavra a Vitor Martins que lendo os relatórios, os explicou sucintamente, estabelecendo-se vivo diálogo, respondendo os delegados a todas as perguntas que lhes foram dirigidas.

Uma das partes que mais interessou a assembleia foi, no relatório do C. N. O., a que se refere à autorização que em casos de força maior o Conselho Confederal pudesse reunir com qualquer número, sendo as suas resoluções válidas. Depois das explicações dos delegados, a assembleia mostrou-se satisfeita. Finda a leitura, o camarada Vitor Martins descreveu as particularidades dos congressos, conseguindo, com a sua palavra quente e entusiasta, prender a atenção de todos. Os delegados ofereceram um grupo fotográfico dos congressistas, como recordação de tam grandioso acto.

Respondendo o 1.º secretário, camarada Zacarias Pinho, que começou por agradecer, em nome da direcção, a oferta gentil que lhe era feita pelos delegados. Sentia-se orgulhoso por terem sido, principalmente, os delegados da construção civil, os que marcaram no Congresso a extrema esquerda. Acha engraçada a crítica de um determinado jornal da manhã, critica que, com pezar do articulista, muito nos honra. Com respeito à verificação de mandatos, os delegados da construção civil não podiam ter tomado outra atitude. Pede, pois, à assembleia, que depois de todas as perguntas já formuladas, e como as despesas foram mesquinhas, aprove os relatórios e o mapa de despesas. Deseja, porém, visto a assembleia se encontrar de acordo, que essa aprovação se faça com vivas à Confederação Geral do Trabalho e à Federação Nacional da Construção Civil, vivas estes que foram deliberantemente correspondidos por toda a assembleia.

Mais ficou resolvido enviar-se um ofício à Federação Nacional da Construção Civil, para que não aceite a demissão do seu delegado às obras do Alentejo, visto os trabalhos realizados por ele a dentro dessas obras, serem tidos em consideração, por este sindicato. Pediu-se também que o delegado deste sindicato as mesmas obras não pedisse a demissão, respondendo este ser irrevogável a sua resolução, pelo que lhe nomeado para o substituir o camarada Zacarias Pinho.

Foi também resolvido prestar ao camarada metalúrgico António Peixe, preso sem culpa, por delito de propaganda operária, a solidariedade possível, enviando-lhe a quantia de \$500. Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão no meio do maior entusiasmo, dando-se vivas à Batalha, à C. G. T., à Federação Nacional da Construção Civil.

Sindicato Ferroviário. — Este sindicato, julga do seu dever, e como tal avisa todos os ferroviários, que a 6.ª e esperada resposta até ao dia 20, do sr. Sá Cardoso, presidente do ministério, se realizará uma assembleia magna da classe, cujo, dia e local serão previamente anunciados. Esta mesma assembleia é convocada para serem apreciadas as negociações entabuladas com o governo, para depois se assentarem qual o caminho a seguir. Como dever de lealdade, é justo que o público seja elucidado de que até à data muito pouco se tem obtido e, portanto, pouco ou nada há a esperar.

No entanto, a classe espera, ainda com tanta em obter as reclamações que fez dentro dum princípio de ordem e justiça, procurando assim evitar por todas as formas, a que tenha de lançar mão dum último recurso.

Federação da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Tratou de diversos assuntos referentes ao desenvolvimento da indústria e recebeu a resposta ao ofício n.º 1 da Secção da Construção Civil do Beato e Olivais, pondo à disposição deste conselho a quantia de \$500.

Manufactores de Calçado. — Em reunião da direcção foi verificada a libertação dos membros desta classe que foram arbitrariamente presos, verificando-se com a maioria que as prisões abarrotam de operários infamemente encarcerados. A direcção roga a todos os camaradas que continuem subvertendo nas listas para auxílio das vítimas da burguesia, devendo hoje ser entregues as importâncias adquiridas, continuando a distribuição de listas pelas oficinas.

das da Rainha para a estação de Azambuja.

Igualmente pede, por intermédio da Batalha, às respectivas autoridades sanitárias locais, para procederem.

Aprensão de açúcar

Os agentes de fiscalização ao serviço do ministério de agricultura, srs. Gabriel Rodrigues, João dos Santos e José Rodrigues Lourenço, apreenderam a firma Canha & Ribeiro, Limitada, na Praça do Município, 7, 136 barricas de açúcar cristalizado que estava vendendo por atacado a mercearias de Lisboa e provincias, ao preço de 80 a 85 centavos, quando a lei não permite que seja vendido por preço superior a 58 centavos. A multa é na importância aproximada de 40 contos.

Os mesmos agentes apreenderam na mercearia Brasileira, na rua Augusta, 269, feijão e açúcar sonogado à venda ao público.

A multa deve importar em 227\$00.

Construção Civil de Paredes e Arredores.

A direcção desta associação declara que a quete tirada para os jovens sindicalistas, que readeu \$245, foi tirada no Estoril pelos canteiros que trabalharam por conta do mestre Sopa e Dionízio. Também tiraram uma quete para o camarada Joaquim Aguiar que readeu \$240.

Marceneiros. — Os corpos gerentes reunidos hontem apreciaram a situação dos jovens marceneiros presos, resolvendo procurar a comissão pró-presos por questões sociais, a fim de se combinar a melhor forma daqueles camaradas se afluam. Tomaram conhecimento duma carta dirigida à direcção, em que notifica que o operário merceneiro João da Fonseca está atiraçando as resoluções tomadas por este sindicato, resolvendo convidá-lo a comparecer na próxima terça-feira, a fim de prestar contas da acusação que lhe é feita.

Por ultimo, apreciando a deliberação da assembleia de delegados da U. S. O., para que todos os sindicatos realizassem sessões de protesto contra as perseguições governamentais, resolveram manter a deliberação duma sua assembleia, que consiste em, dada a ineficácia dos protestos platónicos, não mais realizarem sessões nesse sentido; aguardando que a U. S. O. promova um forte movimento pró-libertação dos presos, para o qual este sindicato dará todo o seu apoio moral e material.

Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio. — Reuniu esta Federação apreciando vários expedientes. Tomou conhecimento duma circular da Confederação Geral do Trabalho, resolvendo em conformidade com o seu conteúdo, oficial a todos os sindicatos notando-lhe os compromissos que tomamos com o ingresso na C. G. T., e pedindo-lhe uma resposta rápida, a fim de a habilitar a dar cumprimento a esses compromissos.

Resolvido enviar ao Corpo de Resistência uma relação de todos os sindicatos federados para se poder fazer a cobrança.

Nomeou-se delegado à sessão de protesto contra as violências governamentais, promovida pelos serventes de pedreiro, o camarada Vasco Luciano.

Este camarada foi chamado à efectividade.

Tomou-se deliberação sobre a constituição imediata do conselho geral.

Resolvido-se iniciar trabalhos para a constituição do Sindicato Unico convocando-se brevemente os delegados já nomeados pelas associações.

CONVOCAÇÕES

Serradores da Construção Civil e Naval. — A assembleia geral reunida amanhã, pelas 13 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Resolver sobre a adesão à C. G. T. 2.º — Resolver sobre o aumento de preços de Serragem nas estâncias, e mais assuntos de interesse para a classe.

Em especialidade, aos camaradas que actualmente trabalham nas estâncias, avisamos que não devem faltar a esta reunião, pois da sua comparencia depende o aumento das mesmas.

Pessoal Menor das Secretarias do Estado. — O pessoal menor reúne amanhã, pelas 12 horas, na Rua Augusta, (junto ao arco) a fim de tomar conhecimento da resolução do Ministro das Finanças, perante as reclamações da classe.

Sindicato Ferro Viário. — Por este meio são convidados todos os camaradas pertencentes à Secção de Oficinas a comparecerem na sede do Sindicato Ferro Viário hoje pelas 20 horas, para tratar de um assunto do maximo interesse.

Pessoal assalariado do Depósito Central de Fardamentos. — Reunem amanhã, pelas 17 horas, em assembleia geral.

Sindicato Unico Metalúrgico de Palma. — A fim de se tratar da situação dos operários metalúrgicos desta área, são convidados todos os camaradas a reunir em assembleia geral na próxima segunda-feira.

Descarregadores do Porto de Lisboa. — A assembleia geral, desta classe reúne hoje, pelas 20 horas.

Polidores de móveis. — A assembleia geral resolveu concordar com o Sindicato Unico e nomeou delegados à Comissão Organizadora, os camaradas Firme Sequeira, António Marvão e José M. Grilo.

Deliberou ainda levar a efeito uma sessão de protesto contra as perseguições governamentais, dar todo o apoio às Juventudes Sindicistas e convocar uma reunião para se levar a efeito um movimento de aumento de salários.

Manufactores de calçado. — Reunem em assembleia geral, segunda-feira, pelas 20,30 horas com a seguinte ordem de trabalhos: relatório da comissão das festas do Sindicato, e assuntos que se prendem com o conselho jurídico. Rogase aos delegados da U. S. O. a sua comparencia nesta reunião.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Reunem hoje na sede, Rua da Esperança 204-2, em sessões distintas e para tratar da sua situação económica, regime de trabalho, desenvolvimento do Sindicato e mais numeros da ordem dos trabalhos apresentada pelos corpos gerentes as seguintes especialidades da metalurgia. A's 11 horas, Ourives, Cinzeladores, Niceladores e Bronzeadores. A's 14 horas, Elétricistas. A's 17 horas, Pregueiros mecânicos e Anexos. A's 20 horas, Relojeiros.

As perseguições entre o pessoal do Estado

O presidente do ministério foi procurado por uma comissão de assalariados de vários estabelecimentos do Estado, que pediu a interferência do sr. Sá Cardoso no sentido de que sejam truncados os castigos aplicados aos assalariados da Casa da Moeda. Os comissionados voltam hoje, às 14,30.

“ERA NOVA”

O CALVÁRIO
POR OCTAVE MIRBEAU
VI

—Tu não me deixarás nunca, Juliette?... Dize, dize que não vais de deixar-me nunca... Porque, bem vês, eu morreria... enlouqueceria... matava-me... Juliette, juro-te que me matava! —Mas que tens tu?... Porque tremes? Não, meu filho, não te deixarei... Não somos nós felizes, assim?... E depois, eu amo-te tanto!... Quando tu és bom, como agora!

—Sim, sim, mato-me!... Mato-me!... —Estás grangeando, meu querido!... Porque me dizes isso?... —Porquê?... —A revelar-lhe tudo... Não me atreves! E repliquei: —Porque te amo!... Porque não quero que tu me deixes! Porque não quero!

Teria sido melhor, no entanto, não chegar a esta confidência... Juliette tinha visto, no mostruário de um joalheiro...

—Bem, então isso não faz ao caso!... Já perguntei a forma de pagamento... Contentam-se com letras... Cinco letras de dez mil francos... Não é um negócio de Estado.

—Sem dúvida... Mais tarde! Prometto-te... Andá!

—Ah! —fez simplesmente Juliette. —Eu olhava-a, e a ruga da sua fronte aterrava-me; vi passar nos seus olhos um clarão sombrio... E, no espaço de um segundo, todo um mundo de sensações extraordinárias, e ainda não experimentadas, me invadiu. Muito nitidamente, com uma lucidez perfeita, com um implacável sangue frio, com uma consciência de juízo fulminante, eu propuz-me esta dupla questão: «Juliette é a deshonra; Juliette é a prisão!» Eu não hesitava.

—Entremos — disse eu. —Ela levou o colar.

A noite, enfeitada com as suas perolas, sentou-se radiante sobre os meus joelhos, e, com os braços em volta do meu pescoço, ficou muito tempo a embalar-me com a sua voz cariciosa.

—Ah! meu filho!... (Eu nem sempre tenho tido juízo! Sim, eu mesma o sei... Mas agora, acabou-se... Vou ser uma mulher muito séria... E depois, tu has de trabalhar... Farás um belo romance, uma bela peça de teatro... E depois seremos ricos, muito ricos... E se algum dia te vires embaraços, venderemos o colar... Porque as jóias, não são como os vestidos: são dinheiro... Abraça-me... com muita força...)

Ah! como aquela noite passou rapidamente...

—Ah! Esquecia-me... Não poderias emprestar-me quinhentos francos? Contava com os rendimentos... mas eles faltaram...

E rapidamente acrescentei: —Pagas-tos amanhã... Amanhã de manhã.

Lirat ficou um instante os seus olhos sobre mim... Vejo ainda esses olhos... Era doloroso, na verdade.

—Quinhentos francos!... —disse ele. —Onde diabo queres tu que eu os vá buscar?... Eu tive já alguma vez, por acaso, quinhentos francos?

Eu insistia, dizendo: —Trazia-os amanhã... Amanhã de manhã.

—Mas não os tenho, meu caro Minnie!... Tenho apenas duzentos... Se isso te serve?... Pensei que esses duzentos francos, que ele me oferecia, eram o seu pão de todo o mês. Mas respondi, com o coração despedaçado: —Pois bem, sim!... E' o mesmo!... Trago-tos amanhã. Amanhã de manhã.

—Está bem, está bem!... Teria querido, naquele momento, atirar-me ao pescoço de Lirat, pedir-lhe perdão, gritar-lhe: «Não, não, não quero este dinheiro!» E, como um ladrão, levei-o.

As minhas propriedades e até a Prietud, a velha residência familiar, cobertas de hipotecas, foram vendidas!

Ah! que triste viagem eu fiz nessa ocasião!... Havia já muito tempo que não tinha voltado a Saint Michel! E no entanto nas horas de desgosto e desalento, na febre má de Paris, a ideia da...

quele lugar tranquilo era uma doçura, um bálsamo. O ar puro que vinha de lá refrescava-me, o cérebro congestionado, acalmava-me o peito queimado pelos ácidos corrosivos que o ar empastado das cidades acarretava, e muitas vezes prometi a mim próprio que, quando estivesse cansado de perseguir quimeras, me refugiaria ali, na paz, na serenidade das coisas maternas. [Saint Michel! Nunca me havia fido tão querido, como depois de o haver deixado; parecia-me possuir esplendores e riquezas que eu não tinha sabido gozar ainda, e que descobria subitamente...]

Era-me agradável evocar recordações; gostava, sobre tudo, da floresta, a bela floresta, onde, tantas vezes, rapaz inquieto e sonhador, me tinha perdido... Deliciosamente, aspirando o aroma das seivas poderosas, com o ouvido encantado pelas harmonias do vento que fazia vibrar as ramadas e os arbustos, como se fossem harpas e violinos, embriagava-me nas grandes alamedas de abobadas tremúlas de folhagem, as grandes alamedas rectas que, muito longe, lá ao fundo, terminam bruscamente e se abrem como um adro de igreja, sobre a claridade de um pedaço de céu, oval e radioso.

Nestes sonhos, via os braços dos carvalhos inclinarem para mim os seus ramos mais verdes, felizes de tornarem a encontrar-me; os arbustos novos saudavam-me, na passagem, com um ruído alegre, e pareciam dizer-me: «Repara como temos crescido, como o nosso tronco está liso e vigoroso, como é puro o ar onde nós baloiçamos nas nossas ramadas, como é carinhosa a terra de mergulharmos os raios, constantemente inoculados de seivas vivificantes. Os musgos e as urzes chamavam-se: «Fizemos-te uma boa cama, pequena cama tão boa e perfumada, como a não há assim nas casas ricas e doadas das grandes cidades... Estende por aqui; se tens calor, a erva agita sobre a tua cabeça os seus leques ligeiros; se tens frio, as faixas afastarão os seus ramos para deixar passar um raio de sol que te reanimará».

Desde que eu amava Juliette, estas vozes tinham-se calado pouco a pouco. Aquelas recordações já não vinham como anjos da guarda, embalar o sono e sacudir as suas asas brancas, azul destruído dos meus sonhos... passado afastava-se de mim, envergonhava-se de mim!

O comboio corria, tinha transportes as planícies da Beauce, mais melancolicas ainda à vista, do que nos tempos calamitosos da guerra... E eu recordava os seus campos montanhosos, as suas sebes arborizadas, os ulmeiros das ramadas caídas em forma de capuz, que pareciam, no campo, extranhos processos de penitentes azuis; as habitações de tecto alto e musgoso, as anjagadas cavadas e pedregosas, que se penteiam, cheias de encanto, entre verduras exuberantes; e, lá ao fundo, minha floresta, já mal iluminada pela luz do sol poente... Era noite que do cheguei a Saint Michel... Prefiro isso...

(Continua.)

Chapelaria A SOCIAL
Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclados em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazem e escriptorio: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

TUBO de chumbo novo para
Agua e Gás.
Tubo de ferro fundido para algarozes de 4".

Zinco em barra para galvanização de cavilhas. Aço francês especial para minas 1" 1/4 oitavado.

Rodas Decauville novas.

Francheta de ferro 1" x 3/16.

Mola cana 1" 1/2 x 1/2.

Folhas novas de molas.

Vergalhão de ferro novo 1" 3/4 quadrado.

Ferragem diversa para navios.

Paus de carga.

Um motor a gaz sobre completo Stoopert 30 HP.

Serra circular com mesa de ferro.

Uma ventoinha 7" 3/4.

Dois enfardadeiras para palha.

Uma enfardadeira para cortiça.

Madeira para caixas de exportação.

Taboado diverso.

Cimento marca TE-NAZ.

Carbeto A e B.

Vende: A. B. dos Reis.

Cais do Sodrê, n.º 52 — Tel: C. 4317.

PAPELARIA
Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada
Rua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ES-CRITORIO

CARPINTEIROS
Precisam-se, com prática de oficina.
Rua dos Correios, n.º 119.

Reumatismo
Seja ele de que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certíssima e em poucos dias sentindo-se prontos alivios logo em seguida às primeiras vezes que se uzar. Cada tubo \$50, pelo correio mais \$20. Vende-se na travessa da Oliveira, 21, r/c. D. (ao Largo da Estrela).

OURO!!!
Mais barato e não se paga feição — **Só milagre!!!**
OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feição.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoas
TELEFONE 3676

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleocalcina
Pharmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
Lisboa 476

"A BATALHA"
DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ
Redacção e administração
CALÇADA DO COMBO, 38-A-2.º
Lisboa-PORTUGAL
Enderêço telegráfico — Talhaba — LISBOA

ASSINATURAS
Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60 — Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, \$170; 6 meses, \$340; 1 ano, \$680. Territórios da União Postal: 6 meses, \$520; 1 ano, \$1040.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância. — A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é aumentada ao preço da assinatura.

ANÚNCIOS
Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havaas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contenhão acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos
Aceitam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

TABELA DE PUBLICIDADE
Artigos, reclamações e comunicados, 3.ª página, cada linha..... \$30
Na 4.ª página..... \$20
Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

Boletim de trabalho: anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratis.

De Precisa-se trabalhadores ou empregados, 8 centavos cada linha.

Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras organizações de carácter operário, preço especial.

A marcação dos anúncios é feita pelo linômetro de corpo 6.

CÁRABE & VICTAL L.
O pacto social desta firma, constituída entre Manuel Garcia Cárbabe e Joaquim dos Neves Victal, pela escritura de 10 de Junho de 1919, cartório do notário José Antonio de Azevedo Borralho Junior, desta comarca de Lisboa, é como consta dos artigos seguintes:

PRIMEIRO
A firma Cárbabe & Victal Limitada será adoptada pela sociedade, cuja sede é em Lisboa e o seu escriptorio na rua do Alcega, número sessenta e nove, segundo andar, com a denominação de Stadium de Lisboa.

SEGUNDO
A sua duração data de hoje, sem prazo fixo de termo.

TERCEIRO
Tem por objecto a exploração do Velodromo de Lisboa, na quinta de Alvalade, e qualquer outro em que os sócios concordem.

QUARTO
O capital de cinco mil escudos é formado pelos:

Cota do sócio Manuel Garcia Cárbabe no valor de quatro mil e quinhentos escudos; e do sócio Joaquim dos Neves Victal no valor de quinhentos escudos.

Da importância do capital já entraram na Caixa sessenta por cento de cada uma das suas quotas, com que os sócios formaram a sociedade.

QUINTO
Não são permitidas prestações suplementares; mas podem ser feitos à Caixa quaisquer suplementos, mediante o juro de seis por cento ao ano.

SEXTO
As cotas não se dividem, nem podem ser cedidas, sem consentimento expresso da sociedade. E no caso de consentimento, ainda a sociedade se reserva o direito de preferência.

SETIMO
Haverá balanço anual dado no mês de Dezembro e fechado com data de trinta, ficando irrevocável depois de assinado. O primeiro balanço será já no próximo mês de Dezembro.

OITAVO
Dos lucros líquidos apurados no balanço são destinados:

Vinte por cento para fundo de reserva e sempre que haja mister reintegrá-lo. Do remanescente, quarenta e cinco por cento são para o sócio Joaquim dos Neves Vital, e cinquenta e cinco por cento para o sócio Manuel Garcia Cárbabe.

NONO
Ambos os sócios são gerentes e administradores da sociedade, incumbindo especialmente ao sócio Manuel Garcia Cárbabe a Caixa e a parte administrativa propriamente dita, e ao sócio Joaquim dos Neves Vital a parte técnica. E dispensada a caução aos gerentes que não venham qualquer ordenado.

DECIMO
A firma será usada pelos sócios, mas somente e apenas em negócios exclusivos da sociedade e nunca em outros, sob pena de responsabilidade pessoal pelo abuso.

UNDECIMO
O sócio que pretender sair da sociedade a esta dará parte por escrito, com pelo menos, sessenta dias de antecedência.

DUDECIMO
Dissolve-se a sociedade por acordo e nos termos da lei. Na dissolução por acordo ambos são liquidatários. A liquidação só é permitida em globo.

DECIMO TERCEIRO
As questões emergentes deste contrato serão decididas por meio de árbitros nomeados um por cada sócio e no caso de empate o terceiro perito será eleito pelos já nomeados. A decisão proferida obriga como sentença.

DECIMO QUARTO
Nos casos omissos regulará as disposições legais aplicáveis, quer especiais quer gerais e será na comarca de Lisboa onde a sociedade demandará e será demandada.

Quereis fazer economias?
COMPRAI NA
Louçaria do Pôço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras, candieiros, faianças, porcelanas, etc., etc. Serviços de jantar e almoço em faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes. Sortimento em artigos de uso doméstico.

Apesar dos preços resumidos marcados nos artigos, os leitores de «A Batalha», tem o desconto de 6% (sendo 3% a favor do jornal).

Satisfazem-se encomendas para a província — ilhas e colónias —

Largo do Pôço Novo, 22 — Lisboa
(Junto da C. do Combro, defronte da Palmeira)

Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e dumha solidão capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

AGRADECIMENTO
João Carlos Pereira, carpinteiro civil e maquinista de teatros, agradece por este meio ao agente da Polícia de Investigação, sr. Alfredo Maria da Silva as diligências por este realizadas de modo a descobrir o paradeiro de um anel com brilhantes e de um alfinete que lhe subtraíram e lhe foram oferecidos pelo sr. Narciso Fernandes. Ao sr. Alfredo Maria da Silva, que se mostrou incansável nas pesquisas de que se incumbiu, reitero os meus mais sinceros agradecimentos.

Lisboa, 17 de Outubro de 1919.
João Carlos Pereira.

Biblioteca de A BATALHA
LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Adrian del Vale — Jesus na guerra..... \$50
Albert — O amor livre..... \$50
Alfredo N. Dias — A Razão (poemeta social)..... \$05
Berthelot — Evangelho da Hora..... \$05
Carvalho — Nem Deus nem Diabo..... \$30
Claro — Oração da fome..... \$18
Dufour — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vols.)..... \$100
Delaisi — Os financeiros, os políticos e a guerra..... \$05
Delessalle — A Confederação do Trabalho..... \$03
E. Silva — Teatro livre e arte social..... \$05
Etienvat — A minha defesa Gorki:

Os vagabundos..... \$40
Os degenerados..... \$50
Scenas de família..... \$50
A mãe..... \$05
A Angústia..... \$30
Na prisão..... \$40
Os ex-homens..... \$30

Grave:

A sociedade futura..... \$50
O indivíduo e a sociedade..... \$50
A anarquia — Fins e meios..... \$105

Hamon:

Psicologia do militar profissional..... \$50
Psicologia do socialista-anarquista..... \$50
Socialismo e Anarquismo..... \$25

Krapotkine:

Os bastidores da guerra..... \$03
A conquista do pão..... \$50
Palavras dum revolucionário..... \$50
A grande revolução (2 vols.)..... \$100
Em volta dumha vida..... \$105
A anarquia — Sua filosofia, seu ideal..... \$20
Landauer — A Social Democracia na Alemanha..... \$02
Léone — O sindicalismo..... \$50
Libertas — O rei e o anarquista..... \$03
Lima (Adolfo):
Educação e ensino..... \$40
O movimento operário em Portugal..... \$20

Malatesta:

Em tempo de eleições Entre camponeses..... \$10
A política parlamentar no movimento socialista..... \$02
Marx — O capital..... \$50
Molinari — Problemas sociais..... \$25

Nordau:

A mentira religiosa..... \$20
As mentiras convencionais da nossa civilização (2 vols.)..... \$50
Prat e Briand — Sindicalismo e greve geral..... \$25
Ribeiro — O sentido de viver (versos)..... \$40
Roland — A Rússia Nova..... \$10
Salgado — Mentiras religiosas..... \$45

Tolstói:

A próxima revolução..... \$30
A escravidão moderna..... \$40
Pão para a boca..... \$20
Ao clero..... \$30
Varenes — O terrorismo em França..... \$70

Zola:

A taberna (3 v.)..... \$120
A obra (2 v.)..... \$80
A terra (2 v.)..... \$80
A alegria de viver (2 v.)..... \$80
Lourdes..... \$105

A SEMEADURA — 4.º ano e até ao último número da 1.ª série, 16 números, 128 páginas de sociologia, biografia, gravuras, etc..... \$30

Os 2 primeiros anos da 2.ª série, 1916-1917, com ótíma e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além de cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos, um volume de 384 páginas, solto..... \$50

Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919) 656 páginas..... \$100

FOTOGRAVIURAS (em papel coucho):

de Bakunine, Berthelot, Caffero, Darwin, Faure, Ferreira, Gori, Lorenzo, Morris, Gape, Proudhon, Reclus, Sudebrand, Stepanik, cada..... \$02

O 2.º (Número comemorativo do 1.º de Maio 1919)..... \$02

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

AVISO AO PÚBLICO
Apoadoiro do Pinheiro de Lafões

Segundo comunicação dos Caminhos de Ferro do Valle do Vouga a partir do dia 1 de Outubro de 1919, é elevada à categoria de Apoadoiro, a paragem de Pinheiro de Lafões, ficando habilitada a todo o serviço de passageiros, bagagens, grande e pequena velocidade.

As distâncias quilométricas de aplicação são as que constam do quadro de distâncias quilométricas da Companhia de Ferro, em vigor desde 1 de Abril de 1914. O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses
Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

EXPLORAÇÃO
Fornecimento de uniformes

Pelas 15 horas do dia 30 do corrente mês de Outubro, na estação Central de Lisboa (Rossio) perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas até aquela hora as propostas recebidas para o fornecimento de uniformes para o pessoal de estações, trens e revisão, até 31 de Dezembro de 1920.

As condições para esta arrematação estão patentes na Repartição do Pessoal da Exploração (estação de Lisboa-Santa Apolónia) todos os dias úteis desde as 10 até as 16 horas.

A propostas deverão ser enviadas à Direcção Geral da Companhia (estação de Santa Apolónia) em sobrecoito fechado e com a indicação exterior seguinte:

Proposta para o fornecimento de uniformes

Deposito provisório a fazer na Caixa da Companhia — Esc. 100900.

Lisboa, 8 de Outubro de 1919.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

AVISO AO PÚBLICO
Em virtude das dificuldades com que esta Companhia está lutando para a descarga das mercadorias nas estações de Lisboa-Cais dos Soldados e Alcântara Terra, vê-se forçada a restringir durante os dias 15 a 16 do corrente, ambos inclusivos, o serviço de expedição de remessas com destino a aquelas estações, tanto em grande como em pequena velocidade, quer das estações das nossas linhas, quer das linhas do Minho e Douro e Beira Alta, unicamente as remessas de vagão completo das seguintes mercadorias:

Arroz, batatas, carvão, cortiça, madeira, gado e vinho.

O serviço de grande velocidade para a estação de Lisboa-Rocio continua restringido as remessas de volumes de peso não superior a 10 quilogramas, e criação, frutas, ovos e laticínios, qualquer que seja a sua procedência.

Lisboa, 15 de Outubro de 1919.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita.

Calçado Barato
Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

Agradecimento
João Carlos Fernandes agradece ao benfeitor por este realizado no p. p. domínio por virtude da doação da sua Companhia Maria Augusta, assim como agradece a todos que a acompanharam a sua última jornada, cujo funeral se realizou no dia 15 corrente.

Perfeito de Carvalho

NOTAS & COMENTÁRIOS

Preço \$30

A' venda em todas as livrarias e Administração de A Batalha.

Biblioteca de A BATALHA
LEITURA QUE RECOMENDAMOS

Satisfazem-se todos os pedidos destas e de outras publicações, quando acompanhados das respectivas importâncias, e dirigidos à administração de A BATALHA.

CALÇADA DO COMBO, 38-A. 2.º
LISBOA-PORTUGAL

A BATALHA em LAGOS, contra-se à venda na Havanês Pedro Dias.

TRABALHADORES:
Lêdo A Aurora
Quinzenário de propaganda literária

Redacção e administração
RUA DO SOL, 18
PORTO-PORTUGAL

A' venda nos quiosques, tabacarias na administração de A Batalha.

SIFILIS
Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da presença do sangue. Genuína de pessoa ao tempo curada. Tratar-se de todas as doenças por meio de ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, r/cz-do-chão, distrito, é Estrela.

A BATALHA em Braga
Vende-se na BARBEARIA RIO — Rua da Sé, 87.